

# CHICO ORNELLAS



MOGI DE A A Z

## A trajetória de um certo Juvencinho

Fosse vivo, e padre Juvêncio teria hoje muito orgulho de Juvencinho, o menino de 6 anos que dona Luzia, paroquiana, encaminhou-lhe para ajudá-lo nos afazeres da Igreja. Juvencinho é como ficou conhecido um dos 13 filhos de dona Luzia. Ele serviu como coroinha de padre Juvêncio por 8 anos. Tempo suficiente para se afeiçoar aos ritos da Igreja e cultivar a vocação. No dia 7 de fevereiro de 1940, Juvencinho prestou exame de admissão ao seminário. Hoje, já sem a batina e quase 70 anos depois, é chanceler da Universidade de Mogi das Cruzes. Manoel Bezerra de Melo, o Juvencinho de padre Juvêncio.

Crateús, no agreste cearense, era, em 1926, o cenário quase acabado que Euclides da Cunha descreve no épico Os Sertões. Juvencinho nasceu ali. Dia 18 de janeiro. Com 6 anos (1932), numa família de 13 crianças foi levado ao padre Juvêncio para servir-lhe como coroinha. Fez mais: acabou sendo o secretário particular do vigário. Também artesão. Quando não estava na Igreja e correndo de um lugar para outro levando recados e encomendas do vigário, fazia chapéus de palha que ele próprio, mais os irmãos, vendiam na feira dos sábados. O dinheiro ia todo para um cofre de barro, redondo. Quando cheio, o cofre era quebrado e as moedas trocadas por notas.

A trajetória de Juvencinho, depois Padre Melo, só pode ser contada com a ajuda e a lembrança de poucas pessoas. De formação jesuíta, dificilmente o hoje chanceler Manoel Bezerra de Melo se dispõe a detalhar episódios de sua vida. Não se conhece, 42 anos depois de ele aportar em Mogi das Cruzes, uma só pessoa que se possa dizer amiga íntima do chanceler. Mas é possível, garimpendo informações no sertão do Ceará, em seminários e colégios de Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, ou mesmo em alguns poucos lugares de Mogi, reconstituir essa trajetória.

Da feira dos sábados em Crateús, o filho de dona Luzia foi ter ao Seminário de Sobral. Com 14 anos, alfabetizado em Crateús, passou em primeiro lugar no exame de admissão, prestado no dia 7 de fevereiro de 1940. Fez dobradinha com um outro rapaz, do qual se tornaria grande amigo. Era Austregésilo, depois Dom Austregésilo, bispo da ala progressista da Igreja Católica, muito respeitado nos confins da Bahia. O noviço Manoel Bezerra de Melo ficou três anos em Sobral. Aos 17 anos, já no 4º ano do ginásio, transferiu-se para Baturité, também no Ceará e passou a estudar em colégio de orientação jesuíta.

Terminou o ginásio e manteve-se na Ordem da Companhia de Jesus nos seus dois anos de noviciado e outros dois de juniorado. Formou-se sob a rigidez dos jesuítas, uma ordem que ele próprio, algumas vezes, descreve como "severa, mas sem clausura e que exige 15 anos de estudos permanentes para a formação".

De Baturité foi bater no Rio Grande do Sul, onde acabou ordenado padre secular. Às vésperas da ordenação, em reunião com seu orientador e o reitor do seminário, declarou-se contra o celibato canônico. Obedecia por dever de ofício, mas não concordava com ele. Houve, então, um encontro da congregação do seminário para se decidir se Manoel Bezerra de Melo, com essa postura, poderia ser ordenado. Foi.

De São Leopoldo, no Rio Grande



Em reunião familiar nos anos 70, Padre Melo posa para a foto ao lado da esposa e da filha (à esquerda), com os pais e outros parentes

do Sul, onde deu aulas no colégio estadual e liderou uma tropa de escoteiros, esticou até a Argentina para um doutorado em Teologia. E prosseguiu, ainda padre, a sua carreira de professor. Passou pelo Colégio Nóbrega, em Recife. Ficou quatro anos com aulas de Matemática e Francês. Era um tempo difícil. Além das aulas pela manhã e à tarde, ainda lecionava na Pontifícia Universidade Católica de Pernambuco, onde ajudou no projeto de fundação do curso de Direito. Foi seu primeiro contato com a burocracia estatal de autorização de cursos superiores.

Passou também pelo Colégio Santo Ignácio de Loyola, no Rio de Janeiro, como orientador educacional, tempo que aproveitou para fazer, na Pontifícia Universidade Católica do Rio, um curso de Orientação Educacional. Chegou a iniciar o curso de Psicologia. Era final de 1961 e Juvencinho já não existia mais. Padre Melo tinha 35 anos, à beira de completar 36 e decidiu transferir-se para São Paulo. Um encontro com o cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, de São Paulo, foi a ponte para chegar a Mogi das Cruzes, como vigário coadjutor do cônego Roque Pinto de Barros, na Matriz de Santana.

Padre Melo chegou a Mogi no dia 1º de março de 1962. Trouxe consigo uma mala com duas batinas, duas calças, duas cuecas, duas meias. Em Mogi, nas missas dominicais, começou a fazer nome com sermões que fugiam ao tradicional. Talvez por isso o então diretor do Instituto de Educação Dr. Washington Luiz, Maurício Chermann (hoje reitor da Universidade Braz Cubas) o tenha convidado a dar aulas no maior ginásio estadual da Cidade. Maurício queria que ele assumisse as aulas de Filosofia, Biologia e História. Como não tinha licença para aulas de Biologia, acabou viajando para São Carlos, onde uma instituição estatal oferecia licen-

ciatura pelo Cade para a cadeira de Ciências. Ia com duas outras pessoas da cidade. Acabou professor de Biologia na 2ª série do ginásio e de Filosofia na 2ª e 3ª série do antigo Colegial. Suas aulas de Filosofia, recordam alguns ex-alunos, "eram instigantes, sobretudo pela abertura que o professor nos dava nas discussões que tinham, como base, sobretudo noções de Lógica".

Ainda professor do Instituto de Educação Dr. Washington Luiz e exatos seis meses depois de chegar a Mogi, Padre Melo fundou sua primeira escola. Era um curso de admissão ao ginásio que começou a funcionar no dia 3 de setembro de 1962 em um prédio da Fundação Ana de Moura, na Rua Senador Dantas.

No curso de admissão ao ginásio Padre Melo era professor de várias matérias, bedel e secretário. Também o responsável pela limpeza e pela reforma das carteiras que as irmãs do Instituto Dona Placidina lhe haviam cedido. Junto com ele, apenas uma senhora que, por muitos anos, o acompanhou como ajudante em tudo: Dona Geraldã. O curso de admissão acabou, é claro, num curso ginásial. Estava fundada a segunda escola particular da cidade. Antes dela só havia o Liceu Braz Cubas.

O ginásio lotou suas classes. A esse tempo, amigo do professor Maurício Chermann, começaram juntos a pensar em ocupar o período noturno do prédio da Rua Senador Dantas com uma faculdade de Filosofia. O pedido, redigido a quatro mãos na casa de Maurício Chermann no Alto do Ipiranga, foi levado ao Ministério da Educação nesse mesmo ano - 1962. Com sinal verde do Conselho Federal de Educação, Padre Melo começou a preparar o primeiro vestibular para o início de 1963. Anunciou o curso, aceitou inscrições...mas a autorização não saía. Acabou obrigado a devolver o valor para os can-

didatos e deixou o primeiro vestibular para o ano seguinte - 1964.

Ainda assim, passou por maus bocados. Na segunda quinzena de março de 1964 procurou um conterrâneo, Expedito Machado, que era ministro da Viação de João Goulart e pediu-lhe que intercedesse junto ao presidente para assinatura do decreto de autorização da Faculdade de Filosofia. Foram juntos ao encontro de Goulart e saíram de lá com a assinatura presidencial. Tudo resolvido? Não!

No dia 31 de março de 1964 veio o golpe militar e os últimos atos do regime deposto não foram publicados pelo Diário Oficial. Mas a faculdade abriu e os alunos foram chegando, tendo Padre Melo como diretor e Maurício Chermann como secretário.

Na versão que Padre Melo já relatou a algumas pessoas da cidade, a cisão entre as duas futuras universidades de Mogi teria ocorrido sem traumas. Segundo essa versão, tão logo iniciou a Faculdade de Filosofia, a OMEC (sociedade civil que mantém a Universidade de Mogi das Cruzes) ingressou com um pedido para abrir uma faculdade de Direito. Nessa época, Padre Melo teria sido procurado por Plínio Boucault e Boris Grinberg, interessados em criar um curso de Direito na Sociedade Civil de Educação Braz Cubas (atual mantenedora da Universidade Braz Cubas). Como o Ministério da Educação não autorizaria dois cursos iguais na cidade, eles se uniram em torno de um só. Correu então o processo da Braz Cubas até a chegada dos inspetores do MEC incumbidos de avaliar as condições do novo curso. A comissão governamental era presidida por Jessé Guimarães, que depois se transferiria para Mogi das Cruzes como colaborador, um tempo da OMEC, outro tempo da Braz Cubas. A Faculdade de Direito Braz Cubas, berço da atual universidade, fez o seu primeiro vestibular em 1966.

### O MELHOR DE MOGI

*O Lactário Nossa Senhora do Carmo. Obra de beneficência idealizada pela dra. Maria Aparecida Rezende e pelo frei Ignácio de Jong, atendeu a centenas de famílias a partir de sua sede, instalada na Rua São João. Durante muitos anos foi a razão de viver de seus idealizadores*

### O PIOR DE MOGI

*A facilidade com que a Cidade esquece seu passado e relega ao nada obras que foram a razão de viver de muita gente. Exemplo é o fim do Lactário Nossa Senhora do Carmo, idealizado pela dra. Maria Aparecida Rezende e pelo frei Ignácio de Jong. Morreram os dois. O Lactário acabou.*

Nessa mesma época, Padre Melo começou a acalantar sonhos políticos. Queria ser deputado federal nas eleições de 1967. Não tinha dinheiro para a campanha e tentou algumas colaborações. Foi ter à casa de Januário Figueira da Silva, imigrante português que fez fortuna em Mogi como dono de padarias e que, a esse tempo, tinha dois filhos estudando no Ginásio da OMEC. Padre Melo subiu as escadas da casa de Januário e disse-lhe de seus planos políticos. Pediu ajuda e ouviu, como resposta, a negativa de Januário. Pensou em desistir. Foi bater na Sometra, empresa de transportes que o então vice-prefeito Waldemar Costa Filho mantinha em sociedade com Mário Cilento.

Waldemar teria emprestado a Padre Melo 100 mil cruzeiros (moeda da época), uma dívida que, até onde se sabe, não foi saldada. Padre Melo dizia que o dinheiro lhe deu tanta sorte que não teria motivos para pagar. A sorte pode ser avaliada pelos 15.192 votos que Manoel Bezerra de Melo teve em 1967, suficientes para colocá-lo na 31ª posição dentre os 32 deputados federais eleitos.

Tocando os cursos da OMEC, que se transformariam em universidade no início dos anos 70, a carreira como deputado federal e a intervenção na política local, Padre Melo foi levando a vida. Ainda no final dos anos 60, recém-eleito deputado federal, propôs no Congresso a adoção do divórcio do Brasil. Conseguiu repercussão nacional: era um padre em defesa do divórcio. Em 1971, com autorização papal, liberou-se dos votos como padre e casou com a professora Maria Coeli, mãe de sua única filha, Regina Coeli.

No início dos anos 80, Padre Melo fez sua primeira experiência na tentativa de profissionalizar a gestão da universidade que criou: mudou-se para Fortaleza, no Ceará, e deixou em Mogi uma equipe de colaboradores fiéis. Lá, elegeu-se deputado federal e criou um colégio particular. Voltou para Mogi alguns anos depois, instalou-se em uma sala da Reitoria da UMC e filiou-se ao PMDB.

Em 1992, uniu-se politicamente a Francisco Nogueira e se fez vice-prefeito da cidade. Nogueira elegeu-se prefeito. Nesse mesmo ano, o governo do Estado desapropriou o Hospital Escola Luzia de Pinho Melo (dona Luzia, mãe de Juvencinho), que a UMC estava construindo. Vice, ocupou uma sala na Prefeitura e começou a incursionar pelos bairros da cidade, liderando o que chamava de Governo Itinerante.

Agiu assim até o dia 26 de maio de 1994. Vítima de um enfarte a bordo de um avião que o levava para Brasília, Chico Nogueira morreu. Padre Melo concluiu o mandato e entregou o cargo, em janeiro de 1997, a Waldemar Costa Filho, seu credor desde a campanha eleitoral de 1967.

Hoje, aos 78 anos, vive mais em sua casa da Praia de Aldeota, em Fortaleza. Já não frequenta as rodadas de pôquer que o divertiam ao lado de Waldemar Costa Filho (falecido), do corretor de imóveis Edcir Andreucci e do empresário Kaor Mizuta. Da raia política, onde corria com fôlego de fazer inveja, afastou-se há alguns anos. Prefere os bastidores. Já não é figura constante na missa de domingo da capela do Condomínio Riviera de São Lourenço, em Bertóga. Por Mogi circula pouco, quase sempre no banco de traz de um Audi A6.

E-mail: ornellas@netmogi.com.br

Contar com segurança e conforto é o mínimo que você precisa quando compra um carro. Sorte sua que nós contamos com os mais avançados laboratórios e pistas de desenvolvimento e testes do país.



www.chevrolet.com.br  
Este veículo atende a legislação ambiental - CACC 0800.702.4200

Campo de Provas da Cruz Alta, Indaiatuba-SP.

CHEVROLET CONTE COMIGO